

ESPECIAL: A ARRANCADA DO INTERIOR PAULISTA

UPDATE

revistaupdate.com.br

Revista mensal da Câmara Americana de Comércio
Março 2007 - Ano XXIII - nº 436 - R\$ 12,50

AMCHAM
Brasil

ARGENTINA
CRESCIMENTO
COLCHÓN BANK

EDUCAÇÃO
A VEZ DOS
AMERICANISTAS

JEB BUSH

**“Prefiro importar etanol do
Brasil que petróleo da Venezuela”**



Precisa-se de americanistas

FAAP, de São Paulo, prepara-se para criar, ainda neste semestre, o primeiro Centro de Estudos Americanos do Brasil

DANIELA ROCHA, DE SÃO PAULO

Acadêmicos e profissionais que conheçam profundamente a política, a economia, a ciência, o meio ambiente, a sociedade e a cultura dos Estados Unidos – e todos aqueles que desejam conhecer e entender melhor esse país – em breve terão um ponto de encontro em São Paulo. Ainda no primeiro semestre de 2007 será lançado o primeiro Centro de Estudos Americanos do Brasil, com sede na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). “Vamos buscar e criar americanistas que possam disseminar o conhecimento plural sobre os Estados Unidos”, afirma Antonio Bias Bueno Guillon, presidente da FAAP.

Já não era sem tempo. Os Estados Unidos têm papel dominante no cenário internacional, além de serem o principal parceiro comercial individual do Brasil. Somente em 2006, as vendas para esse país somaram US\$



CENTRO DE ESTUDOS PIONEIRO É INICIATIVA DA FAAP, DE SÃO PAULO

24,43 bilhões, ou 18% do total das exportações brasileiras. O fluxo comercial bilateral foi de US\$ 39,12 bilhões, com superávit do Brasil de mais de US\$ 9 bilhões.

À frente do desenvolvimento do novo Centro está Sérgio Amaral, diretor do Instituto de Estudos Internacionais

da FAAP, que foi embaixador do Brasil em Londres e Paris e ministro da Indústria, Comércio e Desenvolvimento no governo Fernando Henrique Cardoso. Segundo ele, a proposta é de que a FAAP seja articuladora de uma rede. “Não vamos concentrar todas as atividades. Entraremos em contato com entidades que possam contribuir com a realização de seminários e a produção de materiais e pesquisas”, destaca.

Discussões prévias

Em dezembro de 2006, as linhas gerais do Centro foram discutidas em um encontro com mais de duas dezenas de pesquisadores e professores de algumas das universidades mais representativas do País no estudo de relações internacionais. Entre outras, estavam representadas a USP, a UnB e o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri).

Além disso, o Centro já surge com demonstrações de interesse de diversas entidades congêneres dos Estados Unidos, onde o estudo do Brasil já está enraizado e aqueles que se dedicam a ele são conhecidos como brazilianistas.



O EX-EMBAIXADOR RICUPERO: OS EUA NÃO FUNCIONAM COMO O BRASIL

Entre as instituições que manifestaram a intenção de manter intercâmbio com o novo Centro estão o Woodrow Wilson International Center, de Washington, o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Columbia, de Nova York, dirigido pelo renomado professor Albert Fishlow, a Uni-

versidade de Harvard, em Boston, e o Centro de Relações Internacionais na Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles, este último com apoio do professor Abraham Lowenthal, respeitado cientista político americano.

Um grande seminário programado para o final de abril deverá marcar a inauguração do Centro de Estudos Americanos. E já existem planos traçados: “A idéia é que já na segunda metade de 2007 tenhamos um curso associado ao Centro. E que a cada semestre haja um professor diferente para ministrar as aulas”, comenta Amaral. Além disso, também serão programadas conferências com a participação de grandes universidades americanas. “Queremos que os professores contem sobre o país, como são os Estados Unidos em diversos aspectos como relações internacionais, economia e política, que relatem suas vivências”, acrescenta.

Outro articulador do Centro de Estudos Americanos é o também ex-embaixador Rubens Ricupero, diretor da Faculdade de Economia da FAAP, que tem a experiência de ter passado por cargos como o de secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações



PARA O SUBSECRETÁRIO BURNS, A CRIAÇÃO DE UM CENTRO COMO O DA FAAP É UMA INICIATIVA LOUVÁVEL

FOTOS: DIVULGAÇÃO AGENCIA FAAP



Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e de ministro da Fazenda (no governo Itamar Franco). Para ele, o Brasil não sabe como se promover nos Estados Unidos. “Não podemos ter relações apenas com o governo. Temos de ter também com o Congresso. Além disso, é fundamental marcar presença na imprensa e na sociedade em geral, mas para que isso aconteça precisamos ensinar as pessoas que os Estados Unidos funcionam de maneira diferente do Brasil. São poucos os que possuem conhecimento de valor sobre aquele país”, afirma. “Defendo que devemos trazer ao Brasil alguns congressistas americanos para falarem sobre a história de seus partidos”, acrescenta.

O embaixador Amaral comenta ainda que os EUA têm um grande leque de relações com outros países do mundo, e que eles competem entre si na busca por visibilidade, uma vez que informações geram negócios, atraem investimentos e abrem oportunidades. Segundo o ex-diplomata, alguns países contratam até empresas de relações públicas para promover suas economias e culturas. No entanto, é preciso saber como dialogar. “O Centro de Estudos Americanos poderá contribuir com todos aqueles que, por uma razão ou por outra, querem ter contato com os Estados Unidos, seja ele de natureza cultural, acadêmica ou empresarial”, diz Amaral.

Proximidade com o cidadão

“A FAAP deverá se tornar um palco para autoridades e personalidades americanas. O objetivo de se fazer isso na universidade é trazer as discussões para mais perto dos cidadãos”, acres-



AMARAL, DIRETOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS DA FAAP: ARTICULAÇÃO DE UMA REDE

centa o presidente da Fundação. De acordo com Guillon, grande parte dos debates sobre relações internacionais no País ainda ocorre basicamente na esfera do chefes de Estado. De fato, a estratégia de aproximação com a sociedade já foi iniciada com a vinda do subsecretário de Estado para Assuntos Políticos dos Estados Unidos, Nicholas Burns, que proferiu uma palestra na FAAP na segunda semana de fevereiro para professores, estudantes, empresários e jornalistas. Burns considerou a iniciativa de lançar o Centro “louvável no contexto de um Brasil global”, e lembrou que na universidade onde fez especialização em Política Americana de Relações Exteriores “a Johns Hopkins, em Washington” à época já existia um pequeno centro de estudos sobre o Brasil. “Com os avanços da tecnologia, das comunicações e da globalização, a visão de mundo, que era mais restrita nos anos 80, mudou bastante. Minhas três filhas, ainda novinhas, têm mais foco no exterior hoje do que eu aos 18 anos”, contou.

O embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Clifford Sobel, que participou do evento com Burns, disse que a Embaixada americana vai apoiar o Centro. “Isso é muito importante para estreitar as relações entre os dois países. Sei que estamos nos relacionando bem, mas nos próximos anos a aproximação será muito maior”, destacou.

“Nenhum país pode ficar à margem do entendimento da cultura dessa

nação, de sua história e do que foi feito para que se tornasse potência. É necessária uma boa compreensão dos seus erros e dos seus acertos”, frisou o professor José Pastore, pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe-USP), que também esteve presente no evento promovido pela FAAP.

Internacionalização do Brasil

O embaixador Amaral diz que até hoje o Brasil viveu uma situação singular, sem possuir nenhum centro de estudos sobre um país específico. “Agora as coisas começam a mudar, como reflexo de um processo que ocorre no País desde os anos 90, que é a internacionalização”, destaca. São avanços feitos a partir da abertura da economia brasileira para o mundo. Segundo ele, no final dos anos 80, os departamentos de relações internacionais em universidades brasileiras podiam ser contados com “os dedos de uma das mãos”. Hoje são mais de 60 espalhados por todo o País.

Em recente seminário de que participou, o embaixador Amaral teve a oportunidade de conversar com um representante do Conselho de Relações Internacionais da China.

“Fiquei surpreso ao saber que eles tinham um departamento de estudos americanos com 120 pesquisadores. Isso mostra que está mais do que em tempo de criarmos centros de estudos de países e regiões determinadas, de aprofundarmos nosso conhecimento sobre eles”, ressalta. Além do Centro de Estudos Americanos, a FAAP tem planos de estruturar futuramente departamentos de estudos sobre a Argentina e a União Européia. ■



O EMBAIXADOR SOBEL, DOS EUA, DIZ QUE O NOVO CENTRO AJUDARÁ A APROXIMAR OS DOIS PAÍSES